

Representatividade e Subtexto: Os Porquês da Popularidade da *Fanfiction Slash*¹

Isabel Tereza de Almeida MORAES²
Debora Marques MORAES³
Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ

Resumo

O presente artigo busca entender os porquês da popularidade de *fanfictions slash* – histórias escritas por fãs sobre personagens de terceiros ou celebridades em um relacionamento homossexual. A partir de um questionário respondido por leitores, buscamos entender as motivações dos mesmos ao as lerem. Fomos levadas, então, a discussões ligadas a subtexto homoerótico na obra canônica, a representatividade LGBT trazida pelo *slash* e preferências pessoais pelo subgênero.

Palavras-chave: Fanfiction; Fanfiction Slash; Representatividade; LGBT; Fãs;

1. Introdução

Com seu surgimento datando de meados dos anos 1960, de acordo com Padrão (2007), a criação de *fanfiction* é uma atividade de produção literária que consiste na escrita de histórias baseadas em universos ficcionais criados por terceiros. A principal característica que diferencia as *fanfictions* de outras formas da chamada ficção derivativa (como, por exemplo, paródias e versões) por suas formas não-oficiais de distribuição: inicialmente publicadas em zines, hoje são, de forma geral, encontradas em redes sociais especializadas, nas quais qualquer usuário pode ler ou publicar *fanfictions*. Um dos subgêneros mais populares nesses sites é o *slash*, que retrata relacionamentos românticos e/ou eróticos entre pessoas do mesmo sexo, e que será estudado nesse trabalho. Nosso ponto de partida é a existência de uma enorme discrepância entre a ocorrência de casais homossexuais no *canon* dos mundos ficcionais no espectro literário consumido hoje em dia, se o comparamos com o universo da *fanfiction*. Procuramos, portanto, entender por que motivos o *slash* é tão popular.

A partir da pesquisa bibliográfica, sobretudo a leitura de Tosenberger (2008), foram levantadas duas hipóteses relacionadas ao motivo das pessoas lerem *fanfiction slash*: o

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática de Comunicação Multimídia, da Intercom Júnior – XII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Estudos de Mídia da UFF, email: isabelterezam@gmail.com

³ Estudante de Graduação 6º semestre do Curso de Produção Cultural da UFF, email: dmmoraes@id.uff.br

subtexto homoerótico presente na obra canônica e a representatividade – aqui entendida como a produção de formas simbólicas que retratem relacionamentos do mesmo sexo fugindo de padrões heteronormativos e de preconceitos sociais. Tais hipóteses foram confirmadas por pesquisa realizada entre leitores de *fanfic* online, com o surgimento de um terceiro tipo de resposta: o gosto por esse gênero de *fanfic*. As respostas foram então classificadas de acordo com o motivo que o indivíduo sugeria em uma ou mais categorias: 1) subtexto homoerótico; 2) representatividade; 3) gosto pessoal.

2. A subcultura da *fanfiction* e o *slash*

Para o escritor de *fanfictions* – também chamado de *ficwriter* ou pelo neologismo *fanfiqueiro* – um determinado produto cultural não se encerra no fim dito oficial: há, por parte desses fãs a necessidade de extensões do texto canônico. Este tipo de criação suplementar e derivada é, naturalmente, anterior à internet, mas ganha força graças a conectividade e interatividade facilitada por ela (Sá, 2008): a *fanfiction* passa de um hobby solitário a uma criação coletiva baseada em interesses comuns. Também não são incomuns a produção de *fanfictions* com celebridades (sejam elas músicos, atores, *youtubers* ou esportistas), nas quais os fãs especulam sobre a vida privada de seus ídolos ou até mesmo os colocam em universos de fantasia ou ficção científica.

De acordo com Padrão (2007), as comunidades de *ficwriters* transcenderam o mero status de agrupamentos, se tornando uma subcultura, representando, portanto, uma quebra temporária no sistema de representações tradicionais, no caso, as pautadas pela indústria cultural. Subsiste a óbvia quebra do paradigma do autor que perde, a partir do letramento midiático permitido pelas *fanfictions*, o total controle sob sua obra, ainda que não em termos legais ou oficiais (Jenkins, 2008). Neste trabalho, contudo, focaremos na subversão do conteúdo: como subcultura, as *fanfictions* lidam com temas ditos “proibidos”; no caso analisado, a quebra da heteronormatividade. A sexualidade, como alvo da disciplina dos corpos, é submissa a práticas discursivas dominadoras, marcadas por regulamentação (Foucault, 1976). Ao retratarem relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo, as chamadas *fanfictions slash* subvertem estas imposições.

O termo *slash* emergiu no fandom⁴ de *Star Trek* (NBC, 1966) nos anos 1970, em referência a marca de pontuação separando o nome dos personagens - notadamente,

⁴ De acordo com Jenkins, *Fandom* se refere a grupos sociais de consumidores de produtos midiáticos que transcendem seu status de meros espectadores, discutindo, produzindo e construindo suas identidades a partir de determinado produto cultural.

Kirk/Spock. Ainda que o modelo Personagem 1/Personagem 2 também possa indicar relacionamentos (mais conhecidos no meio como *ships*⁵) heterossexuais, a denominação *slash* fica, até hoje, reservada para casais do mesmo sexo, sejam eles canônicos ou não-canônicos (Tosenberger, 2008).

Criado e mantido por voluntários desde 2008, o site *Archive of Our Own* (AO3)⁶ é conhecido na subcultura como um dos melhores sites para se ler *fanfiction*⁷. Além de abrigar *fanfics* de vários *fandoms*, seu mecanismo de busca é baseado em um sistema extensivo de tags que descrevem as histórias, permitindo que o leitor procure não só por um ship específico, mas pelo tipo de história que quer ler. Usando por exemplo, as tags “Sherlock Holmes/John Watson” e *first kiss*, é possível achar histórias só sobre o primeiro beijo, classificadas por popularidade, o que torna mais fácil achar alguma coisa num diretório de 70 mil *fanfics* sobre o casal. O site figurou na lista da Revista Times de “50 Melhores Sites de 2013”⁸ e foi descrito como a “coleção de *fanfictions* com a mais cuidadosa curadoria, insanamente organizada e de fácil pesquisa e navegação que há na Web” (tradução nossa).

O AO3 possui mais de 2 milhões de *fanfictions* distribuídas em 22 mil *fandoms* e que são escritas e lidas por mais de 900 mil usuários⁹. Em 2015, 70% desses casais eram M/M (male/male, de acordo com a tag do site), 26% eram F/M (*female/male*) e 4% F/F (*female/female*)¹⁰. Entre os cem casais mais populares, isto é, que foram mais *taggeados*, 65% eram ships M/M, 25 F/M e 4% eram F/F¹¹. O *Tumblr*¹², que além de *fanfictions*, agrega vídeos, fotos e montagens dos *ships*, divulgou em 2015 uma lista dos vinte *ships*

⁵ *Ship* é um termo utilizado para designar um determinado par romântico. Seus derivados – o verbo *shippar* ou o substantivo *shipper* – indicam o apoio ao casal.

⁶ archiveofourown.org

⁷ BAKER-WHITELAW, G. ROMANO, A. Where to find good fanfiction porn. In The Daily Dot. Publicado em 17 de agosto de 2012. Disponível em <<http://www.dailydot.com/parsec/where-to-find-good-fanfic-porn/>>. Acesso em 10 de julho de 2016.

⁸ GROSSMAN, L. 50 Best Websites 2013. In Techland Time. Publicado em 1 de maio de 2013. Disponível em <<http://techland.time.com/2013/05/06/50-best-websites-2013/slide/archive-of-our-own/>>. Acesso em 10 de julho de 2016.

⁹ Estatísticas disponíveis na página inicial de <<http://archiveofourown.org/>> no dia 10 de julho de 2016. A atualização é feita em tempo real.

¹⁰ Estatísticas reunidas pelo usuário do Tumblr *centrumlumina* em agosto de 2015. Disponível em <<http://centrumlumina.tumblr.com/post/125677910699/ao3-ship-stats-what-would-we-expect>>. Acesso em 10 de julho de 2016.

¹¹ Estatísticas reunidas pelo usuário do Tumblr *centrumlumina* em julho de 2015. Disponível em <<http://centrumlumina.tumblr.com/post/123467319174/summer-is-here-again-so-its-time-for-the-2015>>. Acesso em 10 de julho de 2015.

¹² <http://tumblr.com>

mais reblogados do ano em que figuravam onze casais gays, quatro casais lésbicos e cinco casais heterossexuais¹³.

3. Coleta de dados

Cientes da relevância das *fanfiction slash* para essa subcultura, tentamos entender as razões pelas quais o gênero logra tamanho sucesso. Para tal, foi utilizado um formulário divulgado no *Tumblr* entre os dias 21 de junho e 4 de julho de 2016, com nove perguntas, que indagavam acerca das motivações dos leitores de *fanfictions slash*, além de informações demográficas, etárias e sociais – destacando-se informações sobre as identidades sexual e de gênero. Por entendermos que o inglês como língua franca, o formulário foi feito e divulgado em língua inglesa, com as respostas aqui traduzidas por nós.

Como já delineado por autores como Jenkins (Jenkins, 1992), a maior parte do público autor e leitor de *fanfiction slash* é feminina: na amostra coletada – um universo de 523 respostas – 80,3% é do sexo feminino, com apenas 4,8% de homens; o restante está dividido entre pessoas que se identificam como não-binários, *genderqueer* ou outras formas identitárias. A maior parte dos sujeitos (63,2%) não leem *fanfics* que retratem relacionamentos heterossexuais, e 82,1% consomem outros produtos midiáticos que possuem personagens LGBT.

Em termos de orientação sexual, aqueles que se declaram bissexuais representaram maioria da amostra, com 33,2%, seguidos pelos pansexuais (19%). Apenas 17,9% da amostra se declara heterossexual; assexuais e homossexuais representaram cerca de 12% cada. O restante se declarou como alguma outra sexualidade não listada no formulário.

A origem das informantes é diversa, sendo 48% norte-americanas, 32,9% europeias, 7,1% latino-americana, 4,6% asiáticas, 1,2% africanas e 6,2% da Oceania. A amostra é consonante com informações do AO3, que possui, nos Estados Unidos, Reino Unido e Canadá a maior parte dos seus acessos. No que concerne à idade, mais da metade (51%) da amostra tem entre 16-20 anos, 28,7% entre 10-15 e 13,7% entre 21-25. Conclui-se, portanto, que boa parte da amostra é composta por mulheres jovens abertas a relacionamentos com pessoas do mesmo sexo, aspectos que se refletem nas respostas que serão analisadas.

4. Subtexto homoerótico

¹³ Year in Review 2015 feito pelo staff do Tumblr. Disponível em <<http://yearinreview.tumblr.com/post/134751774307/most-reblogged-ships>>. Acesso em 10 de julho de 2015.

De acordo com Tosenberger (2008), um número grande de *fanfics slash* são construídas em torno do pressuposto de que existam insinuações de romance no texto canônico. Sendo a heteronormatividade uma força social estruturante (Foucault, 1976), as fugas aos espectros dos comportamentos socialmente aceitáveis para homens e mulheres são facilmente percebidas (Pugh, 2006). O subtexto homoerótico foi amplamente descrito nas respostas da pesquisa como catalizador do relacionamento entre personagens – “química”. Respostas como “eu sinto que os personagens têm mais química do que os *ships* heterossexuais” (*sic*) (não-binário, pansexual, latino-americano) ou “muitos dos *ships* tem mais paixão/carinho do que os *ships canons* heterossexuais” (*sic*) (não-binário, pansexual, norte-americano) foram comuns na pesquisa.

Algumas das respostas coletadas sugerem que um dos motivos para haver tanta atração entre os personagens masculinos é o fato de que as personagens femininas quase não possuem tempo em tela e/ou seus relacionamentos com os personagens masculinos não são desenvolvidos – ou o relacionamento homem/mulher é menos desenvolvido do que uma amizade ou rivalidade homem/homem. Por possuir dois personagens masculinos mais desenvolvidos emocionalmente, as fãs sentem que um relacionamento entre eles é mais legítimo e realista do que o relacionamento canônico entre um homem e mulher. Muitos dos indivíduos consultados na pesquisa consideram que as relações heterossexuais apresentadas nesses casos são artificiais: “costuma existir mais química entre membros do mesmo sexo do que entre casais heterossexuais que são claramente forçados” (homem, homossexual, norte americano) e “algumas vezes você vê relacionamentos (como amizades) que fazem casais melhores do que o ship cânon” (mulher, assexual/demissexual, norte americana).

Ao mesmo tempo em que consideram o *ship* homossexual mais realista e válido, a maioria das opiniões das fãs reconhecem que há um da mídia tradicional com esses casais. Uma fã latino-americana, pansexual, diz que “eles normalmente estariam juntos se um deles fosse do sexo oposto”. Uma norte-americana, homossexual, disse que os *ships* heterossexuais têm mais chance de se tornar cânone: “*Ships* heterossexuais são geralmente validados porque são feitos cânone. *Ships* LGBTQI+¹⁴ não costumam ser, então eu leio *fanfiction* para conseguir a satisfação e fechamento ao invés.”

Os fãs se contentam então com as *fanfiction* e com pequenos subtextos presentes na obra canônica que oferecem a possibilidade daquilo que escrevem ser real. Uma fã norte

¹⁴ Sigla de Lésbicas, Bissexuais, Gays, Transexuais, Queers e Intersexuais.

americana, homossexual, diz que o principal motivo para ela *shippar* casais é “a tensão entre dois personagens de uma série, filme ou livro. Os olhares apaixonados que eles dão para o outro, as palavras que dizem e as coisas que eles fariam um pelo outro”. No caso de Harry Potter, por exemplo, a comunidade de *ficwriters* vibrava toda vez que o protagonista descrevia qualquer homem com adjetivos como “bonito”: por menores que sejam, qualquer evidência de homossexualidade é rentável dentro do *slash*. O conhecimento da popularidade do subtexto homoerótico por produtores da indústria cultural leva ao fenômeno conhecido como *queerbaiting*, que consiste na inserção de tensão sexual e/ou romântica entre personagens do mesmo sexo, sem que exista a intenção de tornar o relacionamento canônico. A jogada vem sendo alvo de debates e críticas, por se aproveitar da lacuna vazia de produtos que retratem o público LGBT.

O *fandom* de leitores de *slash* de Harry Potter, aliás, foi alvo de longas discussões acerca deste tema: em 2007, em coletiva de imprensa¹⁵, a autora da série J.K. Rowling revelou que sempre havia visto um dos personagens centrais para a trama - o diretor da Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, Alvo Dumbledore - como gay. Ao ser questionada se algum aspecto da homossexualidade de Dumbledore estava presente no texto original, Rowling disse que, no que concerne o relacionamento de Dumbledore com um dos outros personagens (o bruxo Grindelwald, no caso) na sua juventude, uma criança provavelmente só veria uma relação de amizade. Um adulto, porém, seria capaz de ver a infatuação juvenil que ela alega ter incluído ao escrever. Enquanto parte do *fandom* leitor de *slash* comemorou pela existência de um personagem canonicamente gay, Rowling foi acusada de *queerbaiting*: a “infatuação” alegada não estaria presente no texto original, e só seria uma maneira de lucro em cima da comunidade LGBT e dos fãs de *slash*. De acordo com Pugh (2008, p.3) “Se um autor tira um personagem do armário com seus fãs mas não nos livros, é o personagem realmente gay?”.

Dentre os sujeitos da amostra, respostas comuns para fãs de *ships* homossexuais de músicos e outras celebridades (ou seja, pessoas “reais” e não personagens ficcionais) foram relacionadas principalmente a uma suposta “química” em aparições públicas – para as fãs, as ações de seus ídolos um para com o outro não podem ser só amizade, ainda que isso não seja oficial ou até mesmo negado. Via de regra, aliás, as *fanfics slash* com figuras públicas não contam a história de casais “oficiais”: não encontramos, dentre os *ships* mais

¹⁵ BBC News. JK Rowling outs Dumbledore as gay. Disponível em <<http://news.bbc.co.uk/2/hi/7053982.stm>>. Acesso em 15 de julho de 2016.

populares¹⁶ no arquivo de *fanfictions* do AO3, nenhum casal de personagens não-fictícios com confirmação oficial de seu relacionamento. Quando se trata de *shipping* entre celebridades, alguns indivíduos da pesquisa mostraram contrários à ideia de ler *fanfics* sobre pessoas reais. Mas assim como nas *fanfictions* de obras ficcionais, os motivos são semelhantes: por se tratarem de ambientes onde quase não há mulheres, como por exemplo bandas, as fãs são expostas com mais frequência e profundidade ao relacionamento entre os homens, o que as leva a enxergar um subtexto homoerótico. De acordo com um sujeito da pesquisa, uma pessoa não-binária, norte americana “eu costumo ser influenciada por *boybands* ou *youtubers* e eles tendem a ser homens, então eles parecem fofos juntos porque você sente como se os conhecesse”.

Os *shippers* de pessoas reais criam *fandoms* focados não apenas em *fanwork*, mas principalmente em procurar evidências de que o *ship* é real. Como duas garotas colocaram

“Estar no armário é uma grande coisa na mídia e a maioria dos casais que eu leio, eu assumo que são presos lá por contrato ou razões pessoais, que envolvem a carreira deles” (mulher, heterossexual, latino-americana)

e

“Eu realmente acredito que existem tantas pessoas reais que ainda estão no armário, que é bom ler sobre como seria se eles se assumissem (ou nunca tivessem que se esconder)” (mulher, heterossexual, latino-americana).

O fato de que “a maioria das pessoas reais que eu *shippo* não são nada além de publicamente heterossexuais” (mulher, bissexual, norte-americana) não impede as *shippers* de procurarem evidências nas ações dos ídolos. Uma fã, bissexual, latino-americana, põe que “sempre teve alguma coisa entre *Frerard*¹⁷ (Frank Iero e Gerard Way, integrantes da banda *My Chemical Romance*) que capturou meu olhar. O jeito que eles agem no palco e fora dele... não pode ser somente amizade. Eu não consigo aceitar isso, mesmo que eles estejam casados com mulheres agora.”. Uma mulher, bissexual, norte-americana diz que

¹⁶ Estatísticas reunidas pelo usuário do Tumblr *centrumlumina* em julho de 2015. Disponível em <<http://centrumlumina.tumblr.com/post/123467319174/summer-is-here-again-so-its-time-for-the-2015>> . Acesso em 10 de julho de 2015.

¹⁷ Nos *fandoms* é muito comum a junção dos nomes do casal em um nome só, que é usado para se referir ao *ship*. *Frerard*, por exemplo é a junção de Frank [Iero] e Gerard [Way].

“tem sempre esses elementos gays entre as bandas, como em algumas onde dois dos membros agem sexualmente com o outro no palco, se esfregando, fazendo gestos de sexo oral, beijos na bochecha (ou no caso do Gerard Way e Frank Iero do *My Chemical Romance* que já se beijaram explicitamente no palco pelo menos três vezes até agora)”.

Casos mais implícitos não escapam dos olhos dos fãs, como “Ryan e Brendon do [a banda] *Panic! At The Disco*. Bem, Ryan saiu da banda assim que Brendon começou a namorar uma mulher e não falou com ele desde então (mesmo eles sendo “melhores amigos”) então...” (mulher, bissexual, latino-americana). Um dos casais com mais *fanfics* no AO3 é Larry (Harry Styles e Louis Tomlinson da banda *One Direction*). Com cerca de 26 mil *fanfictions* postadas no site¹⁸, Larry acumulou, em 2015, o maior número de posts no *Tumblr* dentre todos os “casais” falados sobre os usuários do site¹⁹. Um dos vídeos mais icônicos dentre os fãs, compilado pela usuária do *YouTube* *freddieismyqueen*, mostra trinta momentos dos dois cantores, tentando provar que o relacionamento é real. O vídeo já acumula mais de três milhões de visualizações²⁰, e é apenas um material dentre milhares que tenta provar que Styles e Tomlinson estão juntos e não podem oficializar seu relacionamento por razões contratuais. A canonicidade desses *ships* é um assunto polêmico na mídia e dentro dos próprios *fandoms*, gerando brigas e divisões entre as *shippers* e quem não acredita que o casal está junto.

5. Slash e representatividade

Na sua pesquisa a respeito do *slash* nos anos 80, Henry Jenkins, ao encomendar revistas de *fanfictions slash*, foi recebido com estranhamento pelo vendedor - segundo ele o público era composto quase que inteiramente de mulheres, e homens não as compravam a não ser por acidente. Leitores de *fanfiction* contemporâneos não passam por intermediários como vendedores, bibliotecários ou professores: a leitura de *fanfictions* é uma prática inteiramente privada, sendo este um fato essencial para o desenvolvimento e popularidade do *slash* entre o público mais jovem (Tosenberger, 2008). De acordo com Padrão (2007), “a

¹⁸ Site do Archive of Our Own, trabalhos em One Direction (band) com a tag Harry Styles/ Louis Tomlinson. Disponível em <http://archiveofourown.org/works?utf8=%E2%9C%93&commit=Sort+and+Filter&work_search%5Bsort_column%5D=revised_at&work_search%5Brelationship_ids%5D%5B%5D=450395&work_search%5Bother_tag_names%5D=&work_search%5Bquery%5D=&work_search%5Blanguage_id%5D=&work_search%5Bcomplete%5D=0&tag_id=One+Direction+%28Band%29>. Acesso em 12 de julho de 2016.

¹⁹ Year in Review 2015 feito pelo staff do Tumblr. Disponível em <<http://yearinreview.tumblr.com/post/134751774307/most-reblogged-ships>>. Acesso em 10 de julho de 2015.

²⁰ “Top 30 Iconic Larry Stylinson Moments” por *freddieismyqueen* no Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=EGQZk9F6Dxs>>. Acesso em 12 de julho de 2016.

fanfiction não se configura como uma simples resposta opinativa a uma mensagem, mas é em si mesma uma mensagem inédita, criada, distribuída e até mesmo consumida de forma independente” (p.2). Uma das informantes da pesquisa, uma mulher homossexual norte-americana, revelou não ter outra maneira de ler a respeito de pessoas LGBT - assim como 17,9% dos sujeitos da pesquisa, que dizem não consumir produtos midiáticos com personagens LGBT que não *fanfics*. Pugh (2008) diz que mesmo os livros para jovens adultos com conteúdo homoafetivo mais leve é alvo de “queima de livros” e censura. Há uma liberdade, adquirida pelos fãs mais jovens, do controle adulto sob o conteúdo que consomem.

Escritores de *fanfiction* não são presos aos imperativos pedagógicos geralmente presentes na literatura jovem adulta com personagens homossexuais (Tosenberger, 2008). Isso os deixa, portanto, livres para se concentrarem em relacionamentos românticos e eróticos ao invés de questões sociais em torno da não-heterossexualidade: de acordo com Sother (2016), as *fanfictions* eróticas são uma ótima maneira de exploração da sexualidade, hipótese corroborada por alguns dos sujeitos da pesquisa. Quando perguntado por que lê *slash*, um dos sujeitos respondeu: “eu consigo me conectar com os *ships* gays e ainda mais se os personagens são trans, porque isso são partes chave da minha identidade” (mulher, homossexual, da Oceania).

De acordo com Sother (2016) *fanfictions slash* representam mulheres escrevendo sobre possibilidades de relações erótico-afetivas que a mídia não lhes oferece. No decorrer da pesquisa, percebemos uma grande necessidade de representatividade LGBT dentro da mídia - um dos sujeitos revela que, graças as *fanfics slash*

“Como uma criança LGBT eu sinto como um lugar seguro e alguma coisa com a qual eu consigo me relacionar. É uma forma segura de exploração da sexualidade, que vai contra a corrente de produtos heteronormativos perpetuados pela mídia *mainstream*.”
(mulher, homossexual, norte-americana).

Para alguns dos sujeitos, o mais interessante em *fanfictions slash* é ver relacionamentos homossexuais além do comum tropo na cultura *mainstream* “*bury your gays*” - ou seja, a falta de final feliz comum a casais do mesmo sexo na cultura pop, frequentemente envolvendo mortes. De acordo com um levantamento feito pelo site

Autostraddle²¹, apenas cerca de 16% das personagens lésbicas e bissexuais na televisão americana têm o que poderia ser considerado um “final feliz”, sendo 31% mortas ao final da série. *Fanfictions*, portanto, oferecem a fãs - sobretudo aos membros da comunidade LGBT - uma possibilidade de uma história que os represente com um final feliz, sem o perigo do *queerbaiting* ou censura externa pelo consumo daquele tipo de produto: um dos indivíduos fala que, por ainda estar no armário, gosta de ler sobre possíveis relacionamentos que ele espera ter um dia. Outro sujeito diz:

“Nas *fanfics* LGBTQI+ os personagens têm uma relação não heterossexual que vai realmente bem e não termina com um, ambos ou todos mortos/traumatizados. O tropo *bury your gays* é bastante comum e geralmente manda a mensagem de que se você não é heterossexual você vai morrer dolorosamente e a sexualidade do seu personagem vai ser varrida para debaixo do tapete – mas ei, você salvou a vida de alguém” (mulher, heterossexual, europeia).

6. Slash e gosto

Muitas das repostas recebidas que falavam sobre ler *fanfic* simplesmente por “gostar”, era seguido de uma justificativa curta e vaga, como “as histórias são mais interessantes” e “eu sinto que as *fanfics* LGBTQI+ são melhores escritas no geral”. Analisando as respostas que demonstravam uma explicação mais profunda do motivo da preferência por esse tipo de *fanfic*, muitas envolvem o fato de que estão cansados dos clichês nas narrativas heterossexuais presentes na mídia, e que as *fanfics slash* possuem menos sexismo. Replica-se, na mídia *mainstream*, estereótipos de gênero e preconceitos, tornando comum a não-identificação dos leitores com essas narrativas românticas e sexuais (Athayde, 2016). De acordo com Jenkins, a mídia não provê as personagens femininas autônomas com chances de romances entre iguais, o que explica porque as *fanfictions slash* são tão atrativas para as mulheres.

Um dos sujeitos diz que “depois de 25 anos de 99.99% de presença hétero, [*fanfic slash*] parece estranhamente novo e muito mais real” (mulher, heterossexual, da Oceania). De fato, embora possua clichês e linguagens próprias, o *slash* não é submetido aos mesmos tropos repetidos pela mídia *mainstream*, que ao bombardear os indivíduos com relacionamentos românticos e eróticos heterossexuais na maior parte do tempo, acaba

²¹ RIESE. All 160 Dead Lesbian and Bisexual Characters On TV, And How They Died. In Autostraddle - Television. Publicado em 11 de março de 2016. Disponível em <<http://www.autostraddle.com/all-65-dead-lesbian-and-bisexual-characters-on-tv-and-how-they-died-312315/>>. Acesso em 11 de julho de 2016.

ganhando um tom de repetição. Essa saturação de relacionamentos heteronormativos é tão grande que, mesmo para sujeitos experientes na leitura de *fanfictions slash* – alguns disseram acompanhar histórias de mais de dez casais diferentes – ainda há a sensação de frescor.

De acordo com um dos sujeitos, “dentro da mídia *mainstream* a maioria dos *ships* heterossexuais envolve triângulos amorosos sem sentido, sendo a mulher tratada puramente como objeto sexual” (mulher, bissexual, norte-americana). Outros apontaram que, dentro dos relacionamentos heterossexuais retratados na mídia *mainstream*, o sexismo é onipresente, com exemplos em geral tóxicos. “Eu acho que já o suficiente de casais hétero em todo lugar. Tem menos clichês normativos em *ships queer* eu acho, tipo em [casais] héteros é muito ‘o cara deve ser de um jeito e a garota deve ser daquele jeito’ e eu sinto que em casais homossexuais há mais igualdade” (mulher, bissexual, asiática).

Houveram também respostas que abordavam o gosto pela *fanfiction slash* porque as considera excitantes. Uma mulher bissexual, asiática, disse “Eu leio porque é divertido. Eu leio porque é diferente da maioria das coisas que você encontra. E mulheres de todas as sexualidades ficam excitadas por praticamente qualquer coisa (M/F, M/M, F/F), então por que não aproveitar?”. Isso está em consonância com Sother (2016), que diz ser prática extremamente comum nesse tipo de *fanfiction* a fetichização de corpos, raças e gêneros – ainda que elas não se deem de forma tradicional, está presente.

7. Considerações Finais

A construção de sexualidade é embebida em relações de poder (Foucault, 1978). A imposição da heteronormatividade, portanto, estende-se para os produtos midiáticos, fazendo com que consumidores que se identifiquem com narrativas homossexuais as procurem em fontes consideradas “não-oficiais”, como, por exemplo, as *fanfictions*. A não submissão desse tipo de escrita a imperativos pedagógicos e lógicas de commoditização conservadores da indústria cultural a torna atraente para leitores mais jovens, que possuem diferentes razões para lê-las. Em nossa pesquisa emergiram como as principais motivações para tanto: (1) a não reprodução de tropos negativos a respeito de homossexuais, (2) o subtexto homoerótico presente nas obras canônicas e (3) a exploração da sexualidade ali contida. Ao contrário do inicialmente assumido, também foi verificado na análise da amostra que a leitura de *fanfiction* não é só fortemente ligada a questões identitárias, mas também a características do gênero de escrita por si só, como a ausência de clichês e

preconceitos sociais.

Referências

ATHAYDE, L. **Yaoi: por que os mangás de amor entre meninos são sucesso entre as meninas?** In: Revista Capitolina, edição 27. Publicado em 13 de junho de 2016. Disponível em <<http://www.revistacapitolina.com.br/yaoi-por-que-os-mangas-de-amor-entre-meninos-sao-sucesso-entre-as-meninas/>>. Acesso em 9 de julho de 2016.

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1976. p. 300-301

FOUCAULT, M. **História da sexualidade volume 1: A vontade de saber**. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

JENKINS, H. **Por que Heather Pode Escrever – Letramento Midiático e as Guerras de Harry Potter**. In Cultura da Convergência. São Paulo: Aleph, 2009. p.235-284

JENKINS, H. **Textual Poachers**. Estados Unidos: Roudledge, 2012.

PADRÃO, M. **Ascensão de uma subcultura literária: ensaio sobre a fanfiction como objeto de comunicação e socialização**. In Revista Ciberlegenda. Outubro de 2007.

PUGH, T. WALLACE, D. L. **A Postscriptum to “Heteronormative Heroism and Queering the School Story in J.K. Rowling’s Harry Potter Series”**. In Children’s Literature Association Quarterly, volume 33, número 2. Verão de 2008. p.188-192

PUGH, T. WALLACE, D. L. **Heteronormative Heroism and Queering the School Story in J.K. Rowling’s Harry Potter Series**. In Children’s Literature Association. 2006. p. 260-281

SÁ, S. P. **Fanfictions, comunidades virtuais e cultura das interfaces**. In Congresso Anual em Ciência da Computação, edição XXV. Salvador: 4 e 5 de setembro de 2002.

SOTHER, S. **Muito além de 50 tons: o mundo das fanfics eróticas**. In: Revista Capitolina, edição 23. Publicado em 14 de fevereiro de 2016. Disponível em <<http://www.revistacapitolina.com.br/muito-alem-de-50-tons-o-mundo-das-fanfics-eroticas/>>. Acesso em 9 de julho de 2016.

TOSENBERGER, C. **“Oh My God, the Fanfiction!”: Dumbledore’s Outing and the Online Harry Potter Fandom**. In Children’s Literature Association Quarterly, volume 33, número 2. Verão de 2008. p.200-206

TOSENBERGER, C. **Homosexuality at the Online Hogwarts: Harry Potter Slash Fanfiction**. In Children's Literature, volume 36. 2008. p. 185-207

VARGAS, M. L. B. **O fenômeno fanfiction – novas leituras e escrituras em meio eletrônico**. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2005.